

SEM PRÓLOGO NEM EPÍLOGO. NOTAS SOBRE EXPERIMENTOS DE HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA CONTEMPORÂNEA

Heidrun Krieger Olinto (PUC-Rio)¹

Resumo: Inserido no Simpósio *A história da literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*, o trabalho discute práticas historiográficas literárias atualizando o teorema de Hans Robert Jauss acerca da emergência da historicidade nos pontos de intersecção diacrônicos e sincrônicos. Questionando a preferência usual de histórias de literatura por estruturas de cronologia diacrônica e processos unitários, que ocultam a simultaneidade do heterogêneo pelo acento sobre conceitos de época homogêneos enquadrados por prólogos e epílogos, serão investigadas alternativas que acentuam diferenças ao dar relevo a dimensões multiespaciais e durações multitemporais em experimentos historiográficos atuais.

Palavras-chave: Estudos Literários; Historiografia; Cronologia

O olhar sobre a história altera-se em função daquilo que pretendemos ver no presente.

Niklas Luhmann

1.

Refletindo sobre o tópico temático *A história da literatura como problema: reflexões sobre a crise permanente nos estudos diacrônicos de literatura*, a contribuição proposta pretende atualizar, a partir da avaliação de práticas historiográficas pontuais e dos pressupostos epistemológicos e teóricos que hoje sustentam a sua configuração escritural, uma ideia de Hans Robert Jauss que localiza a historicidade da literatura precisamente nos pontos de intersecção da diacronia e da sincronia. A sua crítica à estrutura diacrônica única encontra respaldo em argumentos de Siegfried Kracauer que responsabilizava o historiador tradicional pela destruição artificial da simultaneidade do heterogêneo em função da imposição retroativa de uma visão homogeneizadora à história, pressupondo que os eventos de todas as esferas da vida, emergentes em momentos cronológicos simultâneos, formassem processos unitários marcados por similaridades. Em “Time and History”, Kracauer aventava, baseado no teorema da dissincronia do sincrônico, uma identificação da história como processo cronológico de temporalidade específica, nos seguintes termos: “The shaped times of the divers areas overshadow the uniform flow of time. Any historical period must therefore be imagined as a mixture of events which emerge at different moments of their own time”. (KRACAUER, 1966, p.73). Nesta ótica, os múltiplos eventos de determinado momento histórico apresentado pelo historiador como expressão de um conteúdo uniforme seriam, ao contrário, expressão de momentos de curvas temporais distintas,

¹ Pós-Doutorado (Universität Bremen), Doutorado em Ciência da Literatura (UFRJ) Contato: heidrunko@gmail.com

condicionadas por histórias singulares específicas e não por uma história única. A ideia da coexistência simultânea do não-simultâneo invalida, deste modo, a ficção cronológica do momento histórico que homogeneiza e unifica as diferenças em conceitos de época e instaura rupturas marcadas por prólogos e epílogos. Uma ficção que, segundo Jauss, sustentava conceitos de temporalidade histórica nos estudos literários, visíveis na apresentação de todos os fenômenos sucessivos em suas regularidades e ritmos uniformes. O seu modelo, ao contrário, enfatiza a emergência da historicidade da literatura precisamente nos pontos de intersecção da diacronia e da sincronia (JAUSS, 1967, p.59). Ao mesmo tempo, se a produção sincrônica revela em suas obras a multiplicidade heterogênea do não sincrônico, do ponto de vista de sua recepção estética, essa multiplicidade dos fenômenos literários cria para o público leitor, de algum modo, uma certa unidade em função da existência latente de um horizonte compartilhado de expectativas, memórias e antecipações, fazendo com que aquele perceba a temporalidade espacial das obras como se elas fossem do seu próprio presente. Neste segundo argumento desponta a convicção de que a própria história se faz na história.

Em todo o caso, a sua proposta esclarece com mais precisão fenômenos de equilíbrio instável e fronteiras porosas e interpenetráveis, presentes em experimentos historiográficos do nosso tempo, impossíveis de serem enclausurados numa periodização única balizada por inícios, meios e fins. De acordo com este entendimento, a historicidade se vincula aos momentos de cruzamento de múltiplas curvas temporais copresentes, acentuando-se a convivência de temporalidades distintas no mesmo momento cronológico e no mesmo espaço histórico (p.57). No centro desta discussão, que anima a construção de modelos teóricos para a escrita de histórias de literatura com acento sobre linguagens plurais, múltiplas camadas espaciais e durações pluritemporais, será colocada, mais uma vez, a delicada questão do ponto de equilíbrio entre projetos teóricos redutores de complexidade e modelos que, antes, catalisam complexidades. Focalizando, de modo exemplar, novos repertórios teóricos e práticas experimentais, as reflexões ensaiadas pretendem dar relevo aos processos de retroalimentação entre hipóteses teóricas acerca dos pressupostos da escrita de histórias atuais e as formas de sua concretização, seja sublinhando mútuas dependências, seja ressaltando modos de contágio constantes.

Uma avaliação de histórias de literatura no cenário contemporâneo sinaliza o surgimento constante de novas agendas teóricas acompanhadas por manifestos e

palavras de ordem de peso desigual que alimentam e orientam a sua configuração historiográfica cambiante. Em seu conjunto, no entanto, eles testemunham, ainda que timidamente, a diminuição da distância usual entre propostas programáticas inaugurais e a escrita efetiva de histórias de literatura que cumprem algumas das promessas anunciadas em suas páginas introdutórias. Os exemplos avaliados não se entendem como esboço cartográfico dos estudos literários, mas antes como expressão pontual da atmosfera intelectual expressando-se em cruzamentos ousados em diversos territórios disciplinares. É neste horizonte que será ambientado o meu diálogo com projetos ensaiados nas duas últimas décadas, aliado à seguinte pergunta: como atribuir, ou não, uma identidade ao fenômeno literário hoje, quando um eventual interesse por sua configuração verbal implica igualmente uma atenção especial à sua situação comunicativa, à sua historicidade e às possíveis formas de construção de conhecimento acerca dele? Esta questão será abordada a partir da concepção de literatura como sistema complexo que, ao expandir os seus limites além da unidade textual, dificulta a sua identificação, atravessada por intermináveis discussões de fronteira. Uma ampliação do próprio repertório teórico e dos instrumentos metodológicos que tornam visíveis as condições alteradas do seu circuito comunicativo, mediado por processos de produção, transmissão e consumo, precisa abrigar, assim, as diversas opções disponíveis para a escrita de histórias de literatura.

2.

O ensaio recente de Lindsay Waters, “On Literary Chronology” (2017), escrito por ocasião da publicação da coletânea editada por David Der-wei Wang, *A New Literary History of Modern China* (2017), permite enxergar alguns dos problemas cruciais enfrentados pela aventura da escrita de novas histórias literárias hoje. E continuar em busca de respostas à pergunta retórica clássica de David Perkins acerca da possibilidade da existência de uma história literária plausível. Formulada no início da década de 90 do século passado no título do seu livro *Is Literary History Possible?* (PERKINS, 1992), Perkins, analisando o estado da arte da discussão daquele momento, aponta caminhos alternativos na defesa de uma configuração com “less unity to their subjects”, ilustrada de modo exemplar pela *Columbia Literary History of the United States* (ELLIOTT, 1988). Trata-se de uma compilação de sessenta e seis ensaios individuais sobre obras e autores diversos sem enfatizar semelhanças de família, continuidade e desenvolvimento ao dispensar deliberadamente “consecutiveness and coherence” (PERKINS, 1992, p. 3). Ainda que seja mantida uma ordem cronológica, ela

não sublinha vínculos específicos entre os eventos arrolados. Segundo Perkins, o mérito de sua forma enciclopédica encontra-se, antes, no desejo de dar corpo à nossa sensação de “overwhelming multiplicity and heterogeneity of the past”, entendido em sua descontinuidade, como “ever-living, ever-working Chaos of Being” (p.56). Uma configuração enciclopédica, neste quadro, não precisa ser compreendida necessariamente como forma mais pobre da historiografia literária mas, eventualmente, como a sua expressão mais adequada à atmosfera de inquietude intelectual daquele tempo e em sintonia com a ideia expressa no próprio prefácio: “Each generation should produce at least one literary history of the United States, for each generation must define the past in its own terms.” (ELLIOTT, 1988, p. xi). Emory Elliott, o editor do volume, assume na própria introdução os princípios estruturantes de descontinuidade, confirmando não querer contar uma estória unificada numa narrativa linear, coerente. Ao mesmo tempo, ele apresenta o seu projeto como mosaico de uma variedade de pontos de vista que animam “current scholarship” em diversos campos disciplinares e defende o seu compromisso com modelos de espacialização da temporalidade histórica (p. xii).

Um segundo exemplo que fomenta a visão de Perkins acerca do estado da arte de seu tempo, publicado em 1989 pela editora da Universidade de Harvard, *A New History of French Literature* (HOLLIER, 1989), representa um inédito esforço coletivo neste tipo de empreendimento – além do organizador responsável, de um conselho editorial, de consultores específicos por assunto e época – comparecem cento e sessenta e cinco ensaístas, de orientação filosófica divergente e de origens nacionais, geográficas, disciplinares, étnicas, raciais, e culturais não sintonizáveis. Idealizada para um leitor mediano, esta história não apresenta a literatura francesa como simples inventário de autores e títulos no eixo linear da história, mas como campo histórico e cultural visto a partir de um imenso leque de perspectivas críticas contemporâneas. À medida que os ensaios se seguem, eles são introduzidos por determinada data seguindo uma ordem cronológica respeitando, neste aspecto, a forma de apresentação usual em histórias da literatura tradicionais, mas por outro lado, o próprio princípio de montagem nega a pretensão de compor imagens unificadas numa ordem sequencial progressiva. Nesta ótica, os ensaios, individual e cumulativamente, colocam igualmente sob suspeita a nossa percepção convencional de um contínuo histórico. As datas são acompanhadas por um título evocando eventos que acentuam menos o conteúdo dos ensaios do que o seu ponto de partida cronológico.

The event is literary – typically the publication of an original work, of a journal, or of a translation: the first performance of a play; the death of an author. But some events are literary only in terms of their repercussions, and some of those repercussions are far removed from their origins in time or place. The juxtaposition of these events is designed to produce an effect of heterogeneity and to disrupt the traditional orderlines of most history of literature. (HOLLIER, 1989, p.xxiii).

Curiosamente, na visão de David Perkins, neste segundo experimento por ele examinado, as marcas de desconstrução mais fortes tornam problemático o seu próprio estatuto de historiografia literária.

In contrast with the *Columbia Literary History of the United States*, the topics of the articles are in many cases not the informative surveys one expects to find in literary histories. Instead, the editor, Denis Hollier, and his contributors have devised highly focused topics that illuminate specialized questions while leaving a great deal in the dark. (PERKINS, 1992, p. 58).

Assim, a obra – segundo ele tacitamente destinada a uma audiência de especialistas em literatura francesa e teóricos de história literária – pressupõe conhecimentos prévios dos seus leitores comuns a serem adquiridos em compêndios tradicionais. Para Perkins, “there must be a positive construction of literary history before there can be the deconstruction that characterizes the next stage in historical sophistication.” (p. 58). O seu argumento mais contundente se dirige contra a opção de descartar deliberadamente conceitos de periodização a partir do acento sobre a particularidade de tópicos e sobre distintas perspectivas dos ensaios, “which are such that if there were periods, they would subsume multiple, radical heterogeneous, discontinuous happenings” (p.58). Além desta crítica ele investe ainda contra a justaposição de tópicos que se referem a diferentes durações resultando em saltos da longa duração para a curta duração e vice-versa, questionando, deste modo, a justificativa do próprio editor pretendendo “rather than following the usual periodization schemes by centuries, as often as possible we have favored much briefer time spans and focused on nodal points, coincidences, returns, resurgences”. (HOLLIER, 1989, p. xx). Na avaliação final de Perkins, ainda que admitindo que as suas formas de apresentação são evidência da crise, elas não conseguem solucioná-la com o modelo escolhido e defendido.

Encyclopedic form is intellectually deficient. Its explanations of past happenings are piecemeal, may be inconsistent with each other, and are admitted to be inadequate. It precludes a vision of its subject. Because it aspires to reflect the past in its multiplicity and heterogeneity, it does not organize the past, and in this sense it is not history (PERKINS, 1992, p.60).

Duas décadas depois, este diagnóstico do início dos anos de 1990 ficou ele próprio anacrônico, em dissonância com práticas e repertórios teóricos na primeira década do novo século.

A pretensão de contar “mais do que uma história” – sublinhada por David Wellbery na introdução de *A New History of German Literature* (WELLBERY et alii, 2004a) situa este experimento historiográfico no centro dos debates atuais nos estudos literários como nova imaginação teórica atuante na realização de experimentos historiográficos. A própria forma ensaística, equilibrando o seu discurso na fronteira entre ciência e arte criativa, sublinha o privilégio dado a modelos catalisadores de complexidade capazes de abrigar linguagens plurais, múltiplas camadas espaciais e durações pluritemporais, expressas na própria estruturação dos ensaios articulados como estrelas de uma constelação. O potencial comunicativo dessa estrutura dissipativa é idealizado por Wellbery para seduzir os usuários a experimentar caminhos alternativos e atalhos transversais e para provocar efeitos-surpresa ao gerar momentos de iluminação intensa capaz de descortinar cenários multiespaciais e multitemporais dos ambientes artísticos e político-culturais de treze séculos de história de literatura e cultura germânicas.

A sua contundente crítica a histórias literárias tradicionais justifica-se pela radicalização da ideia da historicidade da literatura, enfatizada não só a partir de sua capacidade de testemunhar experiências humanas concretas, mas também em função de sua desejável ressonância na vida dos próprios leitores. Para Wellbery, estes efeitos encontram-se inseparáveis da particularidade de seu momento, do seu caráter histórico como ocorrência contingente. Essas características, ausentes em historiografias herdadas, sublinham textos e performances literárias como eventos singulares, e não enquanto instâncias exemplares de tendências e normas gerais, cristalizadas na configuração de espírito de época, nação, classe social ou ideal estético, que transformam casos particulares em manifestações típicas aplainando, assim, a sua diferença numa estrutura progressiva de grandes autores enfileirados segundo uma

classificação em épocas definidas de antemão a partir de seus inícios e fins. Antes, as datas que acompanham os títulos dos diversos ensaios que compõem a coletânea, visam focar momentos históricos, políticos e culturais únicos em suas expressões estéticas, a partir dos quais são iluminados determinados fenômenos literários.

Trata-se, no caso, de dar ênfase ao “communicative potential of the anecdotal and the discontinuous for generating sudden illumination” (WELLBERY, 2004b, p. xviii), evidenciando, assim, a experiência de um momento na escala temporal que exhibe simultaneamente tanto a marca do típico quanto a marca do único. Essa opção de composição escritural, dando atenção ao normal excepcional, funciona também como catalisador de complexidades que oferece “dazzling glimpses” em que a singularidade de um evento literário ganha iluminação específica enquanto ao típico normatizado é reservado o papel de pano de fundo, de dimensão momentaneamente invisível mas tacitamente presente. Segundo o autor da introdução são, antes de mais nada, essas interrupções momentâneas do contínuo temporal, tendo como efeito a ramificação do cânone herdado num caleidoscópio de momentos, que fazem com que os eventos literários não permaneçam enclausurados numa estrutura histórica fechada, imóvel, mas que possam ser entendidos e representificados como entrecruzamentos de inúmeras molduras referenciais temporais e espaciais em confronto, cuja interação, em cada instante, conduz a uma constelação única (WELLBERY, 2004b, p.xxii). A proposta alternativa do projeto funda-se no princípio da montagem, do arranjo de fragmentos, sem pretensão de compor imagens unificadas, nem unificáveis. E, neste sentido, ela é deliberadamente estruturada a partir da justaposição de eventos interrompendo a linearidade sequencial de histórias de literatura e produzindo efeitos de heterogeneidade.

Se vincularmos algumas destas convicções com os propósitos subentendidos e declarados pelos coeditores de *A New Literary History of America*, uma coletânea de duzentos e nove ensaios, publicada pela Harvard University Press (MARCUS & SOLLORS, 2009), notam-se semelhanças escriturais, no entanto, os seus argumentos sustentam pressupostos distintos à medida que, segundo eles “this is the story of a made-up nation” que de muitos modos precede a sua sociedade. A sua literatura não foi herdada mas inventada. Assim, “no tradition has ever ruled; no form has ever been fixed; American history, literary, social, political, religious, cultural, and technological, has been a matter of what one could make of it” (p. xxiv). Neste âmbito, o livro pretende reexaminar a experiência americana por lentes literárias, em suas variadas

formas discursivas, sublinhando momentos, no tempo e na imaginação, “where something changed: when a new idea or a new form came into being, when new questions were raised, when what before seemed impossible came to seem necessary or inevitable” (p. xxiv). Inexiste a preocupação em destruir ou criar cânones, mas de mobilizar discursos múltiplos para que diferentes formas, ou pessoas falando em momentos diferentes e modos radicalmente diferentes, possam ser ouvidas conversando umas com as outras. Marcus e Sollors idealizaram uma história cultural de dimensões amplas, “a history of America in which literary means not only what is written but also what is voiced, what is expressed, what is invented, in whatever form.” (p. xxiv). O foco das contribuições é centrado sobre todo o espectro de coisas que foram “created in America, or for it, or because of it” (p. xxii), fazendo parte dele tudo que exibe a etiqueta *made in America*: poemas, romances, peças teatrais ensaios, mapas, histórias, diários de viajantes, sermões, tratados religiosos, discursos públicos, cartas privadas, polêmicas políticas, debates, decisões da Suprema Corte, histórias literárias e crítica, canções folclóricas, revistas, performances dramáticas, filosofia, pintura, monumentos, jazz, memoriais de guerra, museus, clubes de livro, fotografias, histórias em quadrinhos, cinema, radio, *rock and roll*, *musicals e hip-hop*, etc. Os ensaístas tiveram toda a liberdade de escolher os seus argumentos e expressar os seus pontos de vista particulares “to surprise not only their editors, or their readers, but themselves” (p. xxiv). Numerosos ensaios foram elaborados por acadêmicos e escritores dos Estados Unidos ou de outros países, de campos de interesses muito distintos e não necessariamente a partir da ótica avançada de um especialista, mas de “an enthusiast, a skeptic, a digger, a reader, a listener, a viewer: from the advantage point of a cultural citizen” (p. xxvi).

3.

A recente publicação *A New Literary History of Modern China* (2017) sugere a retomada de reflexões críticas acerca de pressupostos adequados, plausíveis e aceitáveis para uma história de literatura, hoje, em busca de novas respostas à indagação clássica *is literary history possible?* Como, então, oferecer instrumentos que facilitem a compreensão deste tipo de historiografia literária experimental e elaborar modelos que permitam construir sentido pela redução da complexidade sem perder de vista a sua extraordinária criatividade?

Quanto à configuração formal propriamente dita, uma das marcas destes novos experimentos – a imprecisão de seus objetos de investigação e os interesses díspares

responsáveis pela multiplicação dos seus olhares – não afeta apenas a circunscrição de suas fronteiras disciplinares, mas igualmente formatos e estilos privilegiados em seus discursos teóricos que hoje são marcados com frequência por uma postura autorreflexiva localizada deliberadamente no campo ensaístico, que equilibra os seus argumentos e constructos conceituais em espaços intersticiais. Como forma de produção de conhecimento acerca da literatura, o ensaio apresenta-se frequentemente como discurso alternativo situado entre arte e ciência, seja na configuração de repertórios teóricos, seja na própria escrita historiográfica.

Afinado com a experiência de realidades antagônicas, fragmentadas e complexas, o ensaio contrapõe aos modelos ilusoriamente redutores, um modo de pensar flexível, seja na escolha de seus objetos de investigação, na maneira de focalizá-los em suas relações interativas processuais e seus deslocamentos contextuais, seja na expressão e combinação de sua escrita opcional. Em lugar da forma fixa, o ensaio se caracteriza por relações interativas de reciprocidade, transformações e recontextualizações, solicitando, por seu lado, uma linguagem viva, artística, e um estilo com sensibilidade para abrigar instabilidades. A despedida da ideia de que conceitos resultam de definições sistemáticas sintéticas corresponde à escolha deliberada a favor de uma articulação dinâmica em configurações criativas. Esta forma dialógica do ensaio em busca de uma linguagem estética, que não se baseie portanto em princípios de causalidade mas, ao contrário, em momentos de casualidade – do acidente que perturba expectativas – , encontra o antídoto à ordem lógica das coisas, precisamente em sua constelação mosaica.

O vigor deste tipo de pensamento crítico imaginativo manifesto na escrita ensaística, que opta por um fazer científico estético, comprometido com a produção de conhecimento como fruto de experiências vivas, não oculta origens disciplinares plurais das composições hiperdiscursivas presentes na historiografia contemporânea. Ao contrário, uma composição multilinear, libertando-se do princípio organizativo único, a sequência, definida por fronteiras determinadas, permite o livre jogo de fragmentação, desdobramento, multiplicação e superposição.

Nas configurações cronográficas, o teorema da não-simultaneidade aplicado à interpretação de um mundo globalizado irremediavelmente fraturado pelas contradições socioeconômicas e culturais, encontra a sua expressão exemplar nas formas escriturais de montagem e colagem, formas estéticas que optam pelo uso de fragmentos miúdos numa combinação dissonante, oposta ao ideal clássico do coral harmônico que apaga o

desvio. Em nosso caso – os estudos de literatura – esta nova criatividade encontra eco, também, nas próprias formas experimentais atuais de teorizar literatura e na sua configuração historiográfica. Na idealização de um projeto teórico que atenda à crescente expansão do sistema literário, Josef Fűrnkäs atualiza e pluraliza a ideia de uma teoria da literatura transcultural que não limita seus interesses às filologias de caráter nacional. O relevo dado a tópicos temáticos inter- e transculturais em seu livro *Das Wissen von Ungleichzeitigkeiten. Für eine transkulturelle Literaturwissenschaft* [O conhecimento do dissincrônico do sincrônico. Por uma teoria da literatura transcultural] corresponde à ampliação de seus repertórios conceituais pela inclusão de questionamentos inter- e transdisciplinares (FÜRNKÄS, 1998). Ao mesmo tempo, Fűrnkäs sublinha a forma transcultural da literatura que, segundo ele se distingue, antes, por sua qualidade de ficção verbal discursiva. Neste âmbito, a crescente complexidade estética das formas verbais ganha destaque como resposta às práticas discursivas tanto na cultura quanto na sociedade contemporânea.

Com respeito ao problema ainda relevante na historiografia, a periodização, uma hipótese aventada por Antonis Liakos (2000) surge como alternativa promissora pelo acento na transição da escrita historiográfica de uma sintaxe sintagmática para uma sintaxe paradigmática. Segundo ele, enquanto uma sintaxe sintagmática respeita a ordem preexistente da temporalidade sucessiva linear dos eventos, uma sintaxe paradigmática faculta ao historiador uma análise de acordo com a estrutura de eventos singulares. Nesta ótica a intervenção do historiador na seleção e no uso de dados não é constrangida por uma estruturalidade temporal preexistente à organização de eventos, entre outros, em categorias sociais ou culturais. Tampouco a configuração historiográfica se entende como prática unilateral mas como forma dialógica interativa entre um presente “historizante” e um passado “historizado”, em outras palavras, como a sua construção intelectual e reelaboração (LIAKOS, 2000, p.48). Neste processo os *visibilia* do passado – textos, arquivos, livrarias, museus, etc. – representam veículos de construção de sentido viajando do passado para o presente numa trajetória longa que envolve a participação de sucessivos emissores e receptores, autores e leitores, na elaboração de dados históricos gerados em determinados lugares e momentos, e na atribuição de uma estrutura narrativa móvel a estes passados. Ela resulta, assim, da percepção, concepção e mediação de dados e eventos do passado por seus contemporâneos mas, igualmente, pelas gerações sucessivas de observadores e historiadores. Uma sintaxe paradigmática na construção desta narrativa, que funciona

para os historiadores como referência à “realidade” do passado, surge nesta visão como menos arbitrária e mais poderosa ao decompor a estrutura temporal imposta ao passado “historizado” pela ênfase sobre a sua presentificação “historizante”.

Segundo Liakos, a transição de uma sintaxe para outra, contrapondo ao fluxo temporal homogêneo da narrativa clássica o modelo da presença simultânea de distintas durações, favorece processos de alternância e retroalimentação entre premissas teóricas, dados empíricos e a reconstrução do próprio repertório teórico. Por Liakos, esta transição da sintaxe sintagmática à paradigmática é vista como homóloga à função do tempo na transição da literatura realista para a modernista, em que a estrutura cronológica contínua é decomposta. Citando Siegfried Kracauer, ele subscreve a sua afirmação de que os desenvolvimentos biográficos no romance moderno não obedecem necessariamente a uma sequência cronológica artificial, mas buscam a realidade referencial em “atom-like happenings, each being thought of as center of tremendous energies (...). In fact, they rather doubt whether the small random units in which life, really tangible life, materializes are meaningfully interconnected, so that in the end the shadow contours of a whole will delineate themselves at the horizon” (1995, p.182). Esta suposição pode contribuir, por seu lado, para a ampliação do debate acerca de questões de periodização.

Por último, uma surpresa se esconde neste interminável debate acerca de princípios cronológicos sobreviventes em experimentos de historiografia literária, no ensaio antes referido, “On Literary Chronology”, de Lindsay Waters, editor executivo da Harvard University Press para as Humanidades. Participando da orientação e produção dos quatro volumes dedicados a novos experimentos de historiografia literária, ele não hesita em concluir que “the set-up and the goals of all the books in the series have something in common. First, they are literary histories organized chronocally” (WATERS, 2017). Citando Denis Hollier, responsável pelo primeiro livro da série, Waters lembra que no manifesto lia-se que “dates had become the symbol of useless knowledge”. Como então entender o acento sobre o princípio unificador da cronologia? Em sua explicação, no entanto, datas não são usadas para assegurar continuidade às histórias literárias francesas, alemãs, americanas ou chinesas mas, antes elas se tornam *Brennpunkte* no sentido benjaminiano, focal points, “burning points, something that concentrates events in a ‘kairos’ or ‘monad’, thus shattering the historical continuum and the bare inventory of atomic facts, interpreting the past from out the highest energy of the present”. Neste horizonte, datas são usadas, ao contrário

“to scramble it up”. A operação de *kairos*, oposta a *chronos*, se dirige ao presente provocando nos leitores em seu sentido pleno. “What the new history hopes to precipitate is an experience in which the pulse of the past is felt in the present” (2017).

Creio que este desejo não deixa de ser um novo começo promissor para ensaiar propostas plausíveis para uma escrita historiográfica contemporânea.

Referências bibliográficas

FÜRNKÄS, Josef. Das Wissen von Ungleichzeitigkeiten. Für eine transkulturelle Literaturwissenschaft. *The Geibun-Kenkyn. Journal of Arts and Letters*, 75, 1998, p. 286-304.

HOLLIER, Denis (org.). *A new history of French Literature*. Cambridge: Harvard UP, 1989.

HOLLIER, Denis. On Writing Literary History. In: _____. (org.). *A new history of French Literature*. Cambridge: Harvard UP, 1989, p. xxi-xxv.

JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft*. Frankfurt: Suhrkamp, 1967.

KRACAUER, Siegfried. *History. The last Things before the last*. Princeton: Markus Wiener, 1995.

KRACAUER, Siegfried. *History and Theory* Vol. 6, Beiheft 6: History and the Concept of Time, 1966.

LIAKOS, Antonis. The transformation of Historical Writing from Syntagmatic to Paradigmatic Syntax. *Historein*. V.2, 2000, p. 47-53.

MARCUS, G. & W. Sollors. *A New Literary History of America*. Harvard: Harvard UP, 2009.

PERKINS, David. *Is Literary History possible?* Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1992.

WANG, David Der-wei. *A New Literary History of Modern China*. Harvard: Harvard UP, 2017.

WATERS, Lindsay. On Literary Chronology. *Harvard University Press Blog*. 25/05/2017.

WELLBERY, David E. et alii (eds.). *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004a.

WELLBERY, David E. Introduction. In: _____. *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004b, p.xxii-xxv.